

Reflexões sobre a Metodologia da Filosofia Intercultural: Inspirando-se nos Professores Raimon Panikkar e Ninian Smart, e no Meu Estudo de Nishida Kitarō

Musing on the Methodology of Intercultural Philosophy: Drawing upon from Professors Raimon Panikkar and Ninian Smart, and my Study of Nishida Kitarō

Michiko Yusa

RESUMO

A questão da metodologia no campo emergente dos estudos interculturais interessou meus orientadores de pós-graduação na UCSB, cujas influências formativas foram indispensáveis para o meu desenvolvimento intelectual. O pensamento complexo de Raimon Panikkar baseava-se na unidade entre epistemologia e ontologia (você “se torna” o que “conhece”). Ele também direcionou minha atenção para a filosofia de Nishida Kitarō. Ninian Smart propôs sua própria abordagem ao estudo filosófico da religião. Abordo diversos tópicos (mas não limitados a): (1) A unidade intrínseca entre epistemologia e ontologia (Raimon Panikkar, Nishida Kitarō); (2) O valor indispensável da “objetividade” (Ninian Smart); (3) A unidade entre pensamento, linguagem e ser (Platão, Max Müller, Nishida). Meu objetivo geral é refletir sobre a “metodologia” da filosofia intercultural, da qual emerge uma sugestão sobre a utilidade de “textos bilíngues”, cuja promoção pode ser especialmente relevante no nível de pós-graduação.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia da Linguagem, Abordagem Intercultural, Metodologia como “meta hodos”, Filosofia Japonesa, Kyakka Shōko .

ABSTRACT

The question of methodology in the emerging field of intercultural studies interested my graduate advisors at UCSB, whose formative influences were indispensable for my intellectual development. Raimon Panikkar’s complex thought stood on the oneness of epistemology and ontology (you “become” what you “know”). He also directed my attention to the philosophy of Nishida Kitarō. Ninian Smart heralded his own approach to the philosophical study of religion. I touch on diverse topics (but not limited) to such as: (1) The intrinsic unity of epistemology and ontology (Raimon Panikkar, Nishida Kitarō); (2) The indispensable value of “objectivity” (Ninian Smart); (3) The unity of thought, language, and being (Plato, Max Müller, Nishida). My general aim is to reflect on the “methodology” of intercultural philosophy, out of which emerges a suggestion concerning the usefulness of “bilingual texts,” the utility of which may be promoted, especially at the graduate level.

KEYWORDS

Philosophy of Language, Intercultural Approach, Methodology as “meta hodos”, Japanese Philosophy, Kyakka Shōko.

Introdução¹

¹ Texto produzido para a palestra ocorrida no III Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Filosofia Intercultural (ALAFI) em 26 de agosto de 2024, São Paulo, Brasil. A presente versão foi revisada em março de 2025, com tradução realizada pela Profa. Dra. Amanda Sayonara Fernandes Prazeres

É uma honra apresentar minha palestra principal hoje (via Zoom). Aproveitando esta oportunidade, volto-me às influências formativas que recebi de meus professores. Começarei relembrando meus anos como estudante de pós-graduação na Universidade da Califórnia, Santa Barbara (UCSB), da década de 1970 até 1983 (Parte I). Em seguida, discutirei a “metodologia” ou “metodologias” da filosofia intercultural (Parte II). Farei algumas referências a Nishida Kitarō (1870-1945), que influenciou profundamente o meu pensamento.

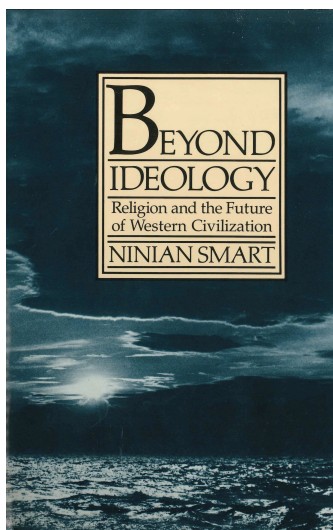
Parte I: Influências Formativas

Frequentei a UCSB inicialmente como estudante de graduação através do *Junior Year Abroad Exchange Program*, entre a International Christian University (ICU) em Tóquio e o sistema da Universidade da Califórnia. Na ICU, eu estava começando a me interessar pelo estudo das religiões, e meu professor de pensamento indiano, Minoru Kasai, era um grande amigo do Professor Raimon (Raimundo) Panikkar, a quem conhecera em Varanasi (Benares). O Professor Kasai sugeriu que eu considerasse Santa Barbara, pois Panikkar estava se mudando de Harvard para a UC Santa Barbara para assumir uma posição docente a partir do trimestre de inverno de 1973. Kasai achava que eu deveria conhecer esse professor-pensador tão único e especial.

Ainda me lembro vividamente do primeiro dia em que vi Raimon Panikkar. Era uma tarde tempestuosa de janeiro, com uma chuva torrencial lá fora e muito vento. A disciplina de graduação que ele ministrava naquele trimestre era sobre *Os Upanishads*. Ele entrou na sala de aula, imperturbável com o clima, cheio de energia e bem vestido, com um guarda-chuva dobrado. Começou o primeiro dia com referências bibliográficas, destacando livros importantes em inglês sobre os Upanishads que deveríamos conhecer. Ele trouxe aqueles livros em sua pasta—um gesto impressionante de dedicação ao ensino em um dia tão tempestuoso.

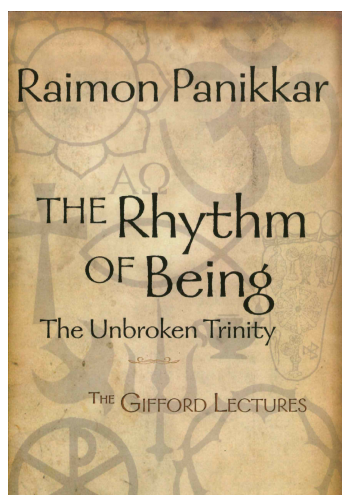
Em pouco tempo, ele despertou em mim o desejo de aprender, e acabei escolhendo o caminho da vida acadêmica. Em 1974, após minha graduação na ICU, voltei à UCSB para iniciar meus estudos de pós-graduação. Resumindo uma longa história, Panikkar tornou-se meu orientador, e, dez anos depois daquele dia tempestuoso, concluí minha tese de doutorado sobre Nishida e Jacques Maritain sob sua orientação.

Foi por volta de 1977 que o Professor Ninian Smart ingressou no corpo docente do Departamento de Estudos Religiosos da UCSB. Ele organizou uma nomeação dividida entre a Universidade de Lancaster, no Reino Unido, e a UCSB. Fui designada como sua *reader* [revisora acadêmica/coorientadora] nos primeiros trimestres após sua chegada ao campus. Naquela época, Ninian completou 50 anos. Em 6 de maio de 1977, organizei uma festa de aniversário para ele em seu apartamento alugado em Isla Vista e convidei professores e estudantes de pós-graduação para o local. Em proporção inversa à



² Nota da tradutora [N. T.]:

As Palestras Gifford [Gifford's lectures] foram criadas em 1887 por Adam Lord Gifford, um juiz escocês do Tribunal Superior. Seu objetivo era fomentar o estudo da teologia natural em seu sentido mais amplo, promovendo palestras nas universidades de Edimburgo, Glasgow, St Andrews e Aberdeen. Entre os inúmeros filósofos e teólogos que se apresentaram nas palestras Gifford estão Hannah Arendt e Paul Ricoeur.



simplicidade quase austera de seu apartamento, a alegria da ocasião transbordou sem limites.

Aqueles foram os dias em que nos deliciamos com as bênçãos da beleza natural de Santa Barbara e da Califórnia (as flores silvestres, o sol, a praia, o oceano, a areia, a névoa, os abacates, as alcachofras, o Chardonnay, o Pinot Noir...) e a companhia calorosa e acolhedora. A chegada de Ninian eliminou todas as barreiras de formalidade que existiam entre professores e alunos, e socializamos livremente para celebrar as muitas ocasiões que mereciam reuniões.

Como eu poderia saber que era uma sorte tão incomum e especial estudar de perto com esses professores tão únicos? Só para mostrar como Panikkar e Smart eram reconhecidos em sua profissão, deixe-me mencionar que Ninian Smart proferiu suas Palestras Gifford² durante o ano acadêmico de 1979-1980, e Raimon Panikkar em 1988-1989—ambas na Universidade de Edimburgo. Na verdade, ajudei a compilar a bibliografia de Ninian quando chegou a hora de publicar suas Palestras Gifford, *Beyond Ideology: Religion and the Future of Western Civilization* (1981).

Raimon me convidou para assistir às suas Palestras Gifford (25 de abril a 12 de maio de 1989), mas, infelizmente, naquela época eu já havia assumido meu cargo como professora universitária e não pude me ausentar de minhas responsabilidades. As palestras de Raimon tinham como tema “A Trindade e o Teísmo: A Morada do Divino no Mundo Contemporâneo”, cuja versão expandida foi publicada quinze anos depois como seu último livro, *The Rhythm of Being* (2010). Ele faleceu dois meses depois

(em 26 de agosto de 2010, e, por coincidência, hoje, 26 de agosto de 2024— enquanto finalizo a primeira versão desta palestra— é o aniversário de sua morte).

1. Raimon Panikkar (1918-2010)

O pai de Panikkar era um hindu indiano da casta brâmane (de Kerala), e sua mãe, uma católica espanhola e pianista profissional. Os dois se conheceram, apaixonaram-se, casaram-se, e Raimundo nasceu em 2 de novembro de 1918, em Barcelona, como o mais velho de quatro filhos. Ele costumava lamentar que falava muitas línguas (como espanhol, catalão, inglês, italiano, alemão e francês), mas sempre com um “sotaque” espanhol. Na verdade, ele cresceu falando inglês como língua paterna. Obteve três doutorados—em Filosofia (1946), em Química (1958) e em Teologia (1961). Tornou-se padre da Igreja Católica Romana em 1946 (29/09) e celebrou seu 50º aniversário de ordenação sacerdotal em 1996 (29/09) no Mosteiro de Montserrat, próximo a Barcelona. Recebi um convite para a cerimônia, mas não pude comparecer.

De 1940 a 1966, Panikkar foi membro do Opus Dei — ele ingressou na ordem leiga em 1940, no contexto da Guerra Civil Espanhola, e acabou deixando-a por volta de 25 de junho de 1966. O espírito livre de Panikkar parece não ter sido bem recebido pela liderança do Opus Dei.

Dentre as muitas ideias fundamentais que recebi do Professor Panikkar, destaco alguns pontos memoráveis:

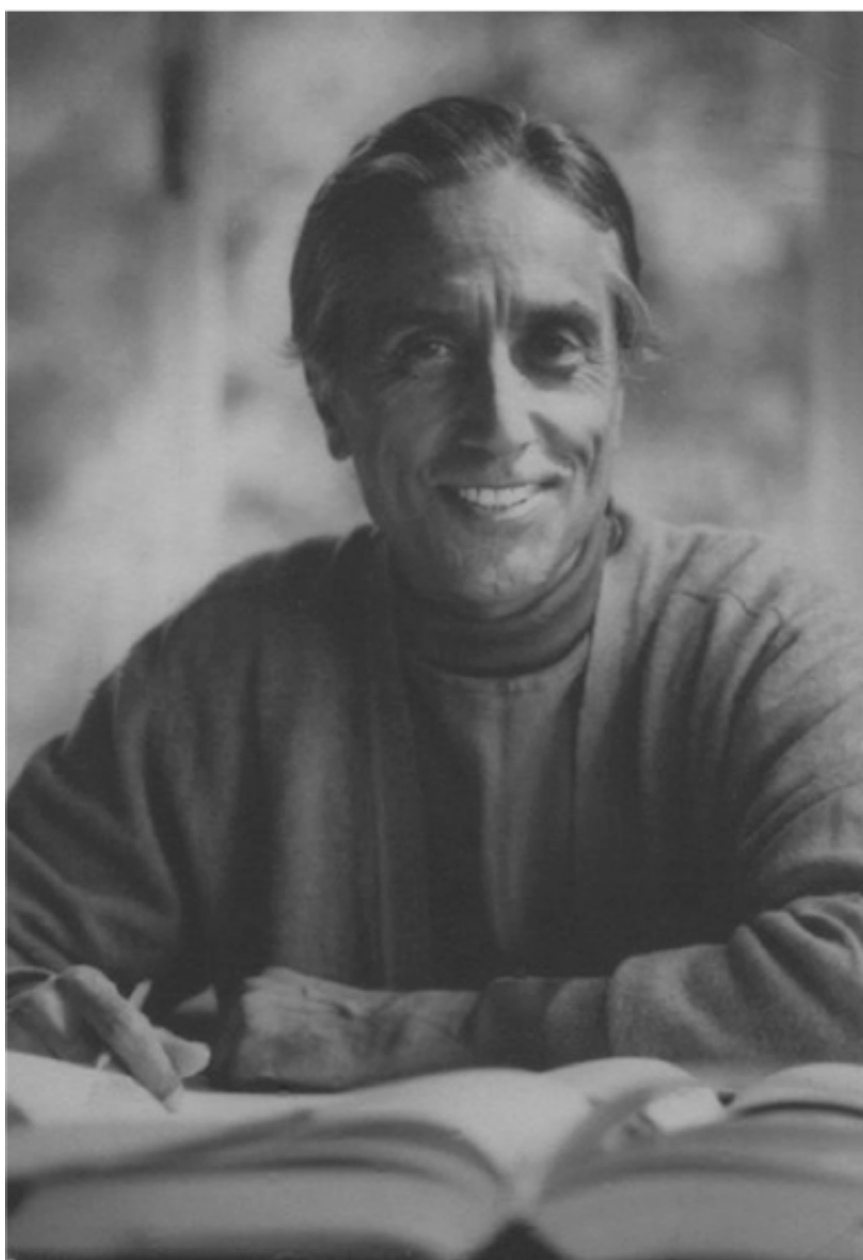
- A unidade intrínseca entre ontologia e epistemologia: Você se torna o que conhece. Ele costumava dizer (meio

brincando): “Cuidado ao escolher o tema de sua dissertação, porque você se tornará ele!”

- A dinâmica interna dessa unidade entre ontologia e epistemologia é que “você acabará amando o que estuda e, portanto, se tornará o que ama e o que conhece”. Em outras palavras, não é possível estudar algo que você não ama verdadeiramente. Essa é a unidade intrínseca entre a mente e o coração.

Imagem 1

Raimundo Panikkar
no escritório de sua casa
em Santa Barbara, por
volta de 1974.
Foto tirada por
Scott Eastham,
meu colega de seminário.



- O termo “estudo comparativo” pode ser enganoso, pois não se pode comparar duas culturas na filosofia intercultural. Já somos parte da abordagem comparativa. Panikkar costumava dizer que só podemos conhecer algo novo com base no que já sabemos. Em outras palavras, todo conhecimento é inerentemente comparativo (ou seja, é construído sobre o que já conhecemos).
- No “estudo comparativo”, uma posição neutra e desinteressada (como a de um juiz) não é possível. Panikkar frequentemente se referia a Werner Heisenberg, cujo experimento revelou que a energia do observador altera o que está sendo “observado”. O observador e o observado estão inseparavelmente conectados. Para Panikkar, isso também era verdade nos estudos humanísticos interculturais.
- Panikkar estava desenvolvendo uma abordagem que nos levaria diretamente ao cerne dos “estudos comparativos” e dos “estudos filosóficos interculturais”³. Essa abordagem consistia em se engajar em um diálogo (uma conversa profunda e mutuamente respeitosa) com o outro e em escutar o outro com o coração aberto. Com tal atitude da mente e do coração, conseguimos silenciar o ruído desnecessário dentro de nós e começamos a ouvir algo significativo que não havíamos percebido antes. O efeito desse diálogo é “intra” e não apenas “inter”, pois envolve uma profunda autotransformação que ocorre no nosso íntimo.
- No final das contas, conhecer o outro enriquecerá o conhecimento de “quem eu sou”. Isso levou Panikkar a insistir que devemos estudar não apenas uma tradição, mas pelo menos duas, o que pode colocar em movimento o círculo hermenêutico de “enriquecimento mútuo”. (Cf. Max Müller:

³ N. T.: Panikkar trabalhou ativamente na promoção da filosofia intercultural. Em 1995, ele foi o responsável por organizar o primeiro Congresso Internacional de Filosofia Internacional que aconteceu na Cidade do México. O evento reuniu acadêmicos comprometidos em pensar a filosofia como um processo aberto para a diversidade de pensamento e diálogo entre tradições. Panikkar definiu a filosofia intercultural como “el imperativo de nuestro tiempo” (PANIKKAR, 1996, p. 28).



Imagem 2

8 de maio de 2008.

Última aparição pública de Panikkar na Basílica dei Frari, Veneza, Itália.

Ao fundo, a pintura *A Assunção da Virgem*, de Ticiano.

Foto de M. Yusa.

Só ao compreender a religião do outro é que compreendemos nossa própria religião— esse era o princípio fundamental no qual se baseava a disciplina do “estudo comparativo das religiões”).

Essas ideias constituíam a “abordagem hermenêutica dialógica” de Panikkar, que, acredito, é facilmente aplicável aos estudos filosóficos interculturais.

Foi Panikkar quem me apresentou à filosofia de Nishida. Ele conhecia pessoalmente Nishitani Keiji, Hisamatsu Shin'ichi e Takeuchi Yoshinori de conferências internacionais. Esses pensadores falavam com carinho e respeito sobre seu antigo professor, Nishida. Assim, Panikkar queria que eu estudasse o pensamento de Nishida, o que, percebi imediatamente, teria um impacto profundo na formação da minha vida intelectual.



Não posso encerrar esta seção sobre Raimon Panikkar sem citar seu poema favorito, *Caminante*, de Antonio Machado [poeta espanhol], que, para Panikar, resumia seu caminho filosófico:

⁴ “Wayfarer, your footsteps are
the way, and nothing more;
Wayfarer, there is no way,
You make the way while you go.”

Citado e traduzido
por Panikkar em
The Rhythm of Being, p. 12)

Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.⁴

(*apud* Panikkar, 2010, p. 12).

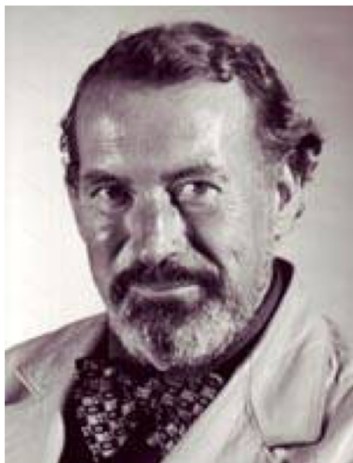
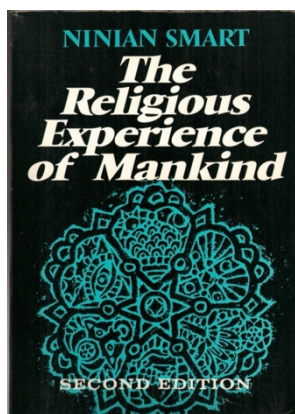


Imagem 3
Ninian Smart,
início dos anos 1970.



O livro didático amplamente utilizado em Estudos Religiosos em todo o mundo nas décadas de 1970 e 1980. Foi publicado pela primeira vez em 1969, e a edição revisada saiu em 1976.

2. Ninian Smart (1927-2001)

Os pais de Ninian eram ambos escoceses. O pai era um renomado professor de astronomia na Universidade de Cambridge. A mãe (nascida Carswell) era uma mulher elegante, que, segundo Ninian, “sempre usava salto alto, mesmo em casa”. Ela era culta, articulada, espirituosa e artística. Eles tiveram três filhos: o mais velho tornou-se professor de filosofia em universidades da Austrália (J. J. C. Smart, 1920-2012); o segundo filho foi professor de história da arte na Universidade de Nottingham (Alastair, 1922-1992); e Ninian era o caçula, que, sozinho, estabeleceu o campo de estudo secular das religiões, independente da teologia, na Universidade de Lancaster em 1967. “Ninian” é o nome de um santo escocês.

Ele me disse em particular que sua aspiração era se tornar devoto [*pious*] no verdadeiro sentido da palavra. Longe do olhar do mundo, que o associava à sua abordagem analítica nos Estudos Religiosos, seu coração estava sempre ligado à “fé” e à virtude universal do “amor”, que o ancoravam e nutriam seu trabalho. Hoje, Ninian Smart é mais lembrado por suas “sete dimensões da religião”:

- (1) Prática-ritual;
- (2) Experiencial-emocional;
- (3) Narrativa-mítica;
- (4) Doutrinária-filosófica;
- (5) Ético-legal;
- (6) Social-institucional; e
- (7) Material-artística.

(Veja *The Religious Experience of Mankind* e outras obras).

Colocado de forma tão direta, pode parecer um pouco intimidador, então vou ilustrar essas dimensões com exemplos concretos. Ninian sempre se lembrava dos aniversários de sua família e amigos. Para ele, as festas de aniversário eram rituais essenciais, repletos de alegria (elementos emocionais), e essas celebrações eram ocasiões para contar histórias, anedotas e piadas hilárias. Um elemento filosófico estava presente nessas festas, como a profunda convicção que afirmava a vida. (Ninian e sua esposa Libushka perderam o filho mais novo, Roderick, para uma doença — quando o menino tinha cerca de 5 ou 6 anos, e essa experiência angustiante nunca os abandonou). Ninian também era atento ao significado do aniversário de casamento, pois o matrimônio, para ele, tinha implicações éticas e legais fundamentais, representando valores sociais e institucionais (por exemplo, a família). Nessas ocasiões festivas, Ninian costumava compor poemas (dimensão artística), que escrevia em um belo cartão de aniversário (ou de aniversário de casamento) — a dimensão material.

Não acho que Ninian se oporia se eu fosse ousada o suficiente para sugerir que essas sete dimensões não estavam “escritas em pedra”, por assim dizer — como categorias absolutas e definitivas —, mas, sim, como uma forma de dar sentido aos fenômenos religiosos multifacetados no estudo acadêmico das religiões. Ninian raramente se via preso por suas próprias teorias e permanecia flexível e inquisitivo em sua investigação intelectual. As teorias existem para auxiliar e facilitar nossa formulação conceitual (como uma jangada para chegar a um lugar), e ele parecia

saber, no fundo, que as teorias não alcançam a “lua”, assim como “o dedo que aponta para a lua” nunca a alcançará.

O que aprendi com Ninian é uma sabedoria simples e prática da vida (tanto na academia quanto na vida real):

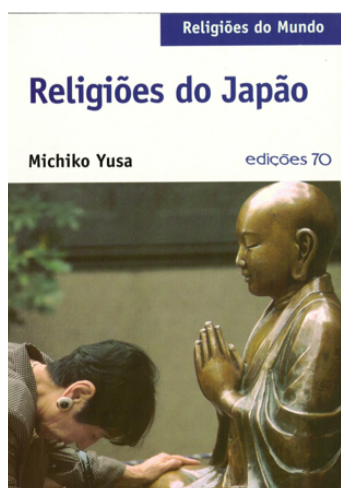
- Transforme parágrafos longos em curtos; se o texto original tiver parágrafos grandes e extensos, é permitido dividi-los em parágrafos menores. Use subtítulos, conforme achar necessário. (Essa foi a primeira sugestão de Ninian quando traduzi os escritos de Nishida para ele. Ele ficava extremamente irritado com o estilo prolixo e longo de Nishida!)
- Evite neologismos e palavras rebuscadas. Use “problema”, em vez de “problemática”, por exemplo. Esse ponto permaneceu guardado em minha mente. Posso ainda escolher algumas palavras que Ninian consideraria deselegantes, mas, pelo menos, tornei-me mais sensível a essa questão. Ele queria que eu respeitasse e celebrasse a integridade da língua inglesa e evitasse práticas obscuras que dificultam a compreensão do leitor sobre o que quero dizer. Escritos filosóficos cheios de jargões inevitavelmente saíam de moda, cedo ou tarde.
- Seja justo e objetivo ao avaliar as provas e trabalhos dos alunos. Não deixe que suas próprias suposições influenciem seu julgamento. (Esse tem sido um lembrete importante para mim, pois meu background cultural japonês às vezes me leva a considerar circunstâncias externas).
- Seja feliz. Mesmo que você não possa ajudar na situação de outras pessoas, sua própria felicidade é contagiosa. (Ninian costumava dizer: “Pais felizes fazem filhos felizes”).



Imagem 4

Ninian e Libushka em Santa Barbara. Junho de 1983.
Foto de M. Yusa.

- Publique seus escritos prontamente, sem muita demora. Ele costumava dizer: se você encontrar alguns erros ou falhas em seu livro, pode escrever outro livro para corrigi-los! Devo admitir que ainda luto para seguir esse conselho.



Japanese Religious Traditions
de M. Yusa.

Antes de encerrar esta seção sobre Ninian, permita-me compartilhar as palavras que capturam sua mente artística e criativa:

“Brevity is the soul of wit”.

“La brevedad es el alma del ingenio” (espanhol).

“A concisão é a alma do saber” (português).

Essas linhas foram retiradas do prefácio que ele escreveu para a série *Religions of the World*, à qual contribuí com meu *Japanese Religious Traditions*, que foi traduzido para o espanhol e o português logo após sua publicação.

3. “Diversidade harmoniosa”

Meus amigos mais velhos em Santa Barbara estavam intrigados que eu estudava com Raimon Panikkar e Ninian Smart—dois tipos de professores muito diferentes. Certa vez, durante um almoço no belíssimo Hotel Biltmore, me fizeram exatamente essa pergunta. Como isso é possível? É algo sustentável? Para minhas amigas, Panikkar e Smart pareciam estar em extremos opostos do espectro. Elas tinham a impressão de que Panikkar era mais como um sábio ou contemplativo, enquanto Smart era um filósofo analítico britânico rigoroso. A realidade, porém, era bem diferente disso. Simplesmente respondi com a seguinte explicação, que pareceu satisfazê-las: “Enquanto o Professor Panikkar me incentiva a seguir minha intuição, o Professor Smart me desafia a manter meu raciocínio crítico e ponderado”.

Imagem 5

junho de 1983, Santa Barbara.
Da esquerda para a direita:
Raimon Panikkar, Michiko Yusa
e Ninian Smart, durante a
celebração da conclusão
do meu doutorado.



Para mim, Raimundo e Ninian tinham muito em comum. Ambos eram homens do mundo, que conheciam e viajavam por diversos lugares. Viveram durante a guerra e estavam familiarizados com culturas e tradições religiosas diversas. Ambos eram espirituais à sua maneira — o que

mostra que a espiritualidade se manifesta de formas variadas —, pois a consciência da imanência e da transcendência do sagrado pode assumir diferentes formas, dependendo das culturas e dos indivíduos. Tanto Raimon quanto Ninian eram intelectuais e altamente analíticos, cada um à sua maneira. Ambos também eram metafísicos. Ambos apreciavam seus amigos e cultivavam uma ampla rede de contatos—embora seja verdade que suas personalidades diferentes atraíssem tipos distintos de amigos, eles também tinham um grupo de alunos e amigos, incluindo eu, que permaneceu muito próximo de ambos. Eles compartilhavam muito em termos de decência humana, expressa em suas personalidades marcantes. Eu adorava Raimundo e Ninian profundamente como meus queridos professores.

Parte II: Reflexões sobre a Metodologia da Filosofia Intercultural

1. O ditado zen: *kyakka shōko* 脚下照顧 e a onto-epistemologia de Nishida

1.1. “Olhe para baixo e veja onde você pisa”

Agora, volto-me às minhas reflexões sobre como podemos nos engajar da melhor forma na filosofia intercultural. Trata-se de metodologia, ou “como procedemos ao pensar de maneira intercultural e filosófica”. Em termos etimológicos, a palavra metodologia foi formada a partir de *meta hodos* *μετα ὁδος* (o caminho pelo qual viajamos).

Para iniciar a discussão, quero apresentar a conhecida expressão Zen “*kyakka shōko*” 脚下照顧, que significa “olhe

para baixo e veja onde você pisa”, bem como a expressão relacionada “*kan jiao xia*” 看脚下 (“*kan kyakka*” em japonês), que significa “Preste atenção aos seus passos”.

Essa expressão tem sua origem na seguinte anedota Chan (Zen):

Certo dia, o Mestre Fayan (J. Hōen) 法演, acompanhado por seus três discípulos — Fojian (J. Bukkan) 仏鑑, Foyan (J. Butsugen) 仏眼 e Foguo (J. Bukka) 仏果 — praticava meditação em uma montanha próxima.

O sol estava se pondo e era hora de voltarem ao templo. Enquanto desciam a encosta da montanha, rapidamente escureceu, e eles mal conseguiam ver o caminho. Era uma noite sem lua, e a área estava envolta em escuridão.

O mestre disse aos três discípulos: “Agora, o que vocês fazem desta situação em que nos encontramos? Coloquem isso em palavras”.

Fojian, um poeta de coração, disse: “É como um par de grandes fênixes voando acima de nós, adornando o céu”.

Em seguida, Foyan disse: “Está tão escuro que podemos encontrar uma cobra no caminho; estou com medo”.

Foguo disse: “Preste atenção aos seus passos” (*kan jiao xia* 看脚下), significando “vamos pisar com cuidado e voltar em segurança ao templo”.⁵

⁵ *The Wudeng huiyuan* 『五燈會元』 [Os Cinco Registros das Escolas Chan Compilados em Um durante o Período Song] (1252), em 20 rolos. Este episódio está no rolo 19.)

“*Kyakka shōko* 脚下照顧” no uso cotidiano do japonês atual simplesmente significa: “Tire os sapatos antes de entrar em casa”.

No entanto, vejo uma sugestão metodológica nessa expressão sobre como podemos proceder em nossos estudos filosóficos interculturais, pois percebo nela um elemento de autorreflexão crítica, de prestar atenção ao ponto de vista a partir do qual se observa o mundo.

Max Müller e Raimon Panikkar, por exemplo, falaram sobre o método comparativo como: “Para conhecer a si mesmo, é preciso conhecer o outro”. Panikkar enfatizava que “o outro aprofundará o autoconhecimento” e que o outro como um tu é a fonte profunda do autoconhecimento de alguém.

1.2. A onto-epistemologia de Nishida sobre “onde piso”

⁶ 「対象論理的にのみ考える人には、自己が立っている足許が見えないのである。しかして自己の視野に入り来らざるものは神秘と考えるのである。」
(NKZ 8.426) de Nishida,
“Praxis and the recognition
of the object” (1937)
「実践と対象認識」
(NKZ 8.395-499).

Nishida oferece mais uma camada de interpretação dessa expressão ao apontar que “Para aqueles que têm o hábito de pensar sobre as coisas apenas de forma objetificante, o lugar onde pisam não é visível, e qualquer coisa fora de seu campo de visão é descartada como 'misticismo'”.⁶ (NKZ 8.426). Nishida sabia muito bem que a direção objetificante da mente é apenas metade da história, pois o funcionamento da mente ocorre tanto na direção externa (objetificante) quanto na interna (subjeficante). Ele sempre considerou essas duas direções — para fora e para dentro, ou os aspectos noemático e noético que Husserl compreendeu de forma precisa — como parte intrínseca da natureza da mente. Além disso, Nishida via que o noético é necessariamente mais abrangente e sempre abraça o noemático.

A partir de 1934, quando Nishida passou a se dedicar a uma questão maior sobre o eu e o mundo, e sobre como a mente humana constrói vários “mundos”, tornou-se claro para ele que os seres humanos são *(nada mais do que) elementos individuais dentro de um mundo maior*, e cada um de nós é um ponto focal do mundo. Pensamos sobre o que está diante de nós e ao nosso redor justamente porque já estamos presentes no mundo como *seus elementos*

constitutivos. Dessa forma, o eu e o mundo estão radicalmente interconectados de maneira “contraditoriamente auto-idêntica”. Nishida costumava dizer: “eu nasço no mundo, trabalho nele e morro nele”.

Em tal mundo, a linguagem desempenha um papel essencial ao permitir a expressão e a comunicação, assim como as mãos são essenciais para criar coisas (incluindo ferramentas e instrumentos), e a consciência intersubjetiva nos transforma em seres que sabem amar e respeitar a vida.

(Deixei esta seção sobre Nishida breve e sucinta intencionalmente, para que eu possa passar ao próximo ponto sem me perder na montanha em uma noite sem lua).

2. O estudo de tradições plurais

O background intercultural pessoal de Panikkar inevitavelmente se refletia em sua orientação acadêmica. Ele insistia que, para nossas teses, os estudantes deveriam trabalhar com duas tradições — uma familiar a nós e outra diferente da nossa. No meu caso, Panikkar insistiu que eu *não* deveria abandonar minhas raízes japonesas. Ele foi igualmente firme ao afirmar que eu também deveria abordar uma tradição intelectual diferente daquela com a qual eu estava familiarizada. Ele acreditava que apenas nesse diálogo crítico e empático cada um de nós poderia ampliar seu horizonte intelectual, algo essencial em qualquer estudo intercultural. Ele valorizava especialmente a importância de cultivar sensibilidade e sutileza de consciência em um nível mais profundo em nossos estudos. Assim, todos os seus alunos de doutorado abordaram pelo menos duas tradições distintas em seus trabalhos de tese.

Como mencionei anteriormente, foi sob a influência de Panikkar que me voltei para a filosofia de Nishida Kitarō. Foi na primavera de 1975, quando ele me pediu para fazer uma breve apresentação sobre a noção de nada (jap. *mu* 無 ou greg. *mē on mē ous*) de Nishida no Seminário de Pós-Graduação. Ao ler os textos de Nishida pela primeira vez na vida, senti uma afinidade imediata com seu pensamento. Assim, comecei minha jornada pela “estrada longa e sinuosa (e às vezes tortuosa)”. Para minha tese, após algumas deliberações, escolhi Nishida e Jacques Maritain. Talvez tivesse sido mais apropriado escolher Henri Bergson em vez de Maritain, mas as coisas muitas vezes só ficam claras em retrospectiva.

⁷ N. T.: De acordo com Cartwright (2019), o teatro Noh (ou Nō) é uma forma tradicional de arte cênica japonesa que surgiu no século XIV e continua sendo praticada até hoje. Caracteriza-se por movimentos lentos e gestos estilizados, com atores usando máscaras distintivas para representar personagens como jovens, mulheres aristocratas, guerreiros e demônios. Originalmente, apenas homens podiam atuar no Noh.

As peças são profundamente influenciadas por rituais religiosos budistas e xintoístas, explorando temas como dilemas morais, espiritualidade e a vida após a morte. A palavra *Noh* (能) significa “habilidade” ou “talento”, refletindo a combinação única de drama, música e dança que compõe essa arte.

Devo dizer que a insistência de Panikkar em que eu trabalhasse com um pensador japonês foi mais do que justificada. Ele temia que houvesse muitas gerações de jovens estudantes asiáticos (lembre-se, Panikkar era meio indiano) que se tornassem culturalmente “desenraizados” em seus esforços para emular o “estilo intelectual ocidental”. Graças a Panikkar, descobri Nishida sob o céu azul intenso e penetrante da Califórnia e comecei a desenvolver uma profunda apreciação por minha própria herança cultural, que se estendeu à herança de meus amigos.

3. Um interesse interdisciplinar

Quase imediatamente após o trabalho em minha tese, comecei a me interessar pela tradição estética japonesa, inicialmente motivada pela oportunidade de participar de um workshop de *teatro noh*⁷ ministrado pelo ator mestre Umewaka Rokurō na Universidade da Colúmbia Britânica

(UBC). Um mundo completamente novo da literatura noh se abriu para mim, e o tratado de noh de Zeami (que foi profundamente influenciado por sua prática zen) capturou meu interesse como algo que “adicionou cor” ao discurso filosófico “monocromático” de Nishida.

Quando visitei o Professor Nishitani Keiji em sua casa em Kyoto por volta de 1984, conversei com ele sobre meu emergente interesse interdisciplinar. Para minha alegria, o sábio professor disse: É bom estudar outras coisas além da filosofia de Nishida, porque um interesse mais amplo em outras áreas levará você a uma compreensão muito mais profunda da filosofia de Nishida (parafraseando as palavras de Nishitani). De fato, a filosofia de Nishida revela seu interesse multidimensional em arte (poesia e pintura), história, física, ecologia, biologia, matemática e outras áreas do conhecimento, incluindo pensamento cristão e budista.

4. Idioma

4.1. Requisitos de idioma

No Programa de Estudos Religiosos da UCSB, os alunos de pós-graduação eram obrigados a demonstrar proficiência em leitura em francês e alemão ou cursar dois anos de aulas desses idiomas em nível universitário. Não me ocorreu solicitar que meu japonês fosse considerado como um dos dois idiomas exigidos. Assim, fiz dois anos de alemão e francês, que eu adorei.

Assim, aconteceu que a UCSB oferecia excelentes programas em muitos outros idiomas e, além disso, o Departamento de Estudos Religiosos ficava fisicamente ao lado do

Departamento de Clássicas. Ninian conhecia um certo estudioso de Oxford de sua terra natal no Reino Unido, e isso iniciou uma espécie de rede de comunicação interdepartamental. Naturalmente, acabei fazendo amizade com alguns professores do Departamento de Clássicas. Optei por estudar latim e grego como parte da minha “formação geral em humanidades ocidentais”. (Infelizmente, nunca desenvolvi uma proficiência real em nenhum desses idiomas, mas pelo menos posso desfrutar da leitura dos textos originais na edição bilíngue da Loeb). Nos últimos anos da minha pós-graduação, trabalhei como datilógrafa para os professores do Departamento de Clássicas, através do programa de trabalho-estudo.

Além disso, meu interesse pelo pensamento indiano me levou a estudar sânscrito introdutório com professor Gerry Larson; também estudei chinês clássico com professor Weiming Tu, que estava visitando a UCSB vindo da UC Berkeley durante os trimestres de verão. Após uma pausa de seis meses nos meus estudos de pós-graduação na Europa (em 1975), continuei com meu alemão e francês e comecei a estudar italiano também, pois percebi que o inglês não era muito útil na Itália naquela época.

Estudar vários idiomas não me tornou uma poliglota, mas me manteve ocupada o suficiente para não me meter em problemas. Na verdade, o sânscrito salvou minha vida. Naquela época, a maconha estava facilmente disponível e, em raras ocasiões, até LSD, em Isla Vista (onde os alunos moravam), e algumas vezes recebi convites de amigos para "ficar chapada". Foi apenas minha necessidade de mais tempo para estudar sânscrito que me fez recusar tais convites. Assim, o sânscrito literalmente salvou minha vida.

Gerry Larson nos disse que deveríamos aprender a gramática do sânscrito de forma indutiva. Por isso, passei horas fazendo minhas próprias tabelas de substantivos e verbos (declinações e paradigmas de conjugação). Através desse trabalho, descobri que a *consciência linguística que havia em mim era, na verdade, "universal" e que não importava que minha língua materna fosse o japonês*. Comecei a ter fé na *universalidade do logos*. O logos é transcultural. Essa descoberta veio como uma libertação, uma luz guia, e me tirou do abismo da dúvida sobre mim mesma. Isso precisa ser entendido no contexto de que, nos primeiros dias de cursar disciplinas de pós-graduação em *inglês*, eu não tinha certeza de minha aptidão para realizar um trabalho acadêmico na pós-graduação, pois grande parte da minha energia era dedicada ao desenvolvimento das minhas habilidades em inglês.

4.2. Linguagem e pensamento

⁸ Citado por Nishida como
“*gengo wa shisō no
shintai de aru*”
(言語は思想の身体である).
Ver “Gengo” [Linguagem],
em NKZ 13.144.

A linguagem e o pensamento estão organicamente conectados. Nishida considerou que a formulação de Max Müller capturava melhor esse ponto: “A palavra é o pensamento encarnado”.⁸

Independentemente de Nishida, cheguei a acreditar que há um profundo mistério sobre como nós, seres humanos, adquirimos a linguagem. Além disso, o processo de aprendizado de idiomas não tem fim, mesmo na própria língua materna. Linguagem, percepção, sentimentos e pensamento estão profundamente interconectados. Platão disse que pensamento e linguagem são uma coisa só e que “o pensamento é um diálogo silencioso consigo

mesmo” (*Teeteto* 189e; *Sofista* 263e), e Plotino refletiu sobre isso da seguinte forma: “Pensar (*noein*), viver (*zēn*) e ser (*einai*, 'quem eu sou') estão todos juntos no que é real/efetivo (*on*)” ou, “τὸ νοεῖν, τὸ ζῆν, τὸ εἶναι ἐν τῷ ὄντι.” (*Enéadas* V.6.6:21-22).

4.3. Ensino de idiomas

Gostaria de dizer algumas palavras sobre o ensino de idiomas, pois alguns de vocês podem estar ensinando línguas como parte de suas obrigações acadêmicas. Costumava haver uma visão um tanto pejorativa do ensino de idiomas, compartilhada de forma acrítica entre acadêmicos que o consideravam inferior aos engajamentos filosóficos. Devo admitir que inicialmente eu mesma tinha minhas reservas sobre ensinar japonês na universidade para ganhar a vida. Mas logo fui cativada pelo profundo mistério da linguagem, pela forma como os alunos adquirem o japonês como um novo idioma e como suas percepções eram transformadas nesse processo. Além disso, descobri que havia métodos altamente eficazes de ensinar japonês a alunos falantes de inglês, economizando um tempo precioso.

O que se segue é uma espécie de resumo breve de algumas das minhas experiências:

- Os caracteres chineses (conhecidos como *kanji* ou ideogramas) têm histórias para contar. Adotei uma abordagem etimológica, de certa forma inspirada pelo professor Panikkar e seu seminário sobre *On the Way to Language* de Heidegger. E eis que os *kanji* começaram a me contar suas histórias! Dessa forma, acabei escrevendo meu

primeiro livro, *Basic Kanji* (1989), no qual apresentei 423 *kanji* básicos junto com suas etimologias. Esse livro está esgotado, mas acredito que seja possível encontrar um exemplar de segunda mão na internet.

- Ensinar japonês aprimorou minha compreensão das sutilezas da língua japonesa, que, como instrutora, eu era obrigada a explicar em inglês. Esse treinamento analítico acabou se mostrando extremamente útil, pois frequentemente traduzo Nishida para o inglês. Abaixo, apresento um exemplo para ilustrar meu ponto. Aqui está o texto em japonês à esquerda e minha tradução em inglês à direita.

ゲーテにおいては内もなく外もなく、	In Goethe, there is no distinction of inside and outside.
有するものは有るがままにあるのである、	All things that exist exist as <i>they are</i> .
何物もなき ⁹ から来り	Everything comes into being from where there is nothing,
	and disappears into where there is nothing.
何物もなき ⁹ に去り行くのである、	Moreover, in this very coming into being from nothing and
しかもかく無より無に入る ⁹ ところに	returning to nothing,
微妙なる人間の響があるのである。	we find the subtle "sound" (<i>hibiki</i>) of humanity. ⁹

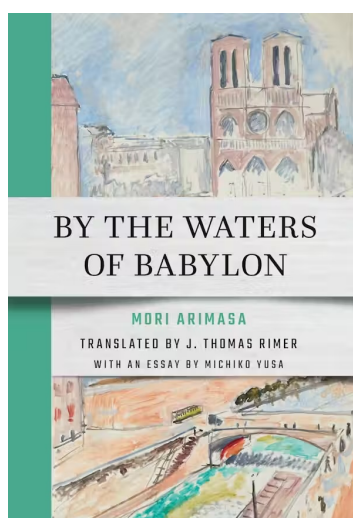
Nishida, *Goethe's Background*, 1931
(NKZ 12.148).

⁹ [Nota da tradutora]

Em Goethe, não há distinção entre dentro e fora.
Todas as coisas que existem, existem como são.
Tudo surge de onde há nada e desaparece onde há nada.
Além disso, nesse próprio surgir do nada e retornar ao nada,
encontramos o sutil "som" (*hibiki*) da humanidade.

Neste texto, os dois primeiros *tokoro* são escritos em kanji (ideograma), e o último *tokoro* está em *hiragana* (silabário). Todos estão destacados. Esses são os tipos de perguntas que meus alunos costumam fazer: “Por quê?” O *tokoro* em *kanji* indica um lugar concreto no espaço, enquanto o *tokoro* em *hiragana* refere-se à ideia de “em” ou “no”, usado de forma figurada para indicar o desenrolar de uma situação, muitas vezes envolvendo um elemento de surpresa. Eu não esperaria que a IA fosse capaz de fazer esse tipo de distinção sutil—pelo menos, não por enquanto.

No contexto do ensino de idiomas, deixe-me falar sobre Mori Arimasa (1911-1976), um pensador japonês que foi tão consumido por sua busca existencial que acabou renunciando à sua prestigiosa posição como professor na Universidade de Tóquio para se estabelecer, viver e trabalhar em Paris. Gradualmente, ele conquistou cargos como professor de literatura e língua japonesa na Sorbonne e na École Nationale des Langues Orientales Vivantes. Suas responsabilidades como professor o levaram a descobrir Motoori Norinaga e Dōgen, por exemplo. O que é notável é que o pensamento de Dōgen lançou luz, de forma inesperada, sobre a filosofia de Nishida para Mori. Dessa forma, Mori percebeu que sua experiência no ensino de idiomas enriqueceu seu pensamento filosófico e o tornou um pensador único. Sobre o fascinante experimento intercultural que Mori realizou consigo mesmo, veja meu ensaio que acompanha a tradução do Professor Thomas Rimer de *By the Waters of Babylon*, de Mori, recém-publicada em 2025.



Se sua posição acadêmica envolver o ensino de idiomas, isso pode ser uma excelente oportunidade para aprimorar sua sensibilidade filosófica e adquirir habilidades organizacionais e analíticas. No entanto, devo admitir que é necessário se esforçar para não perder de vista a busca filosófica, o que pode ser desafiador às vezes. Mas pense no benefício positivo e persista.

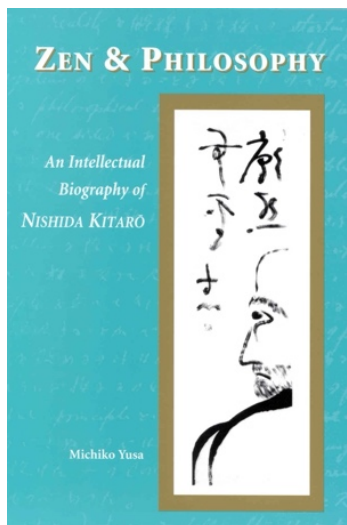
Conclusão

Gostaria de encerrar minha apresentação levantando duas questões no interesse de desenvolver materiais didáticos no campo da filosofia intercultural.

(1) Textos bilíngues (em oposição a textos monolíngues) são úteis para realizar sua filosofia intercultural? Por exemplo, um texto no idioma original, acompanhado por um dos idiomas mais amplamente utilizados. Veja meu exemplo sobre *Goethe's Background*, acima.

(2) Você está familiarizado com o livro recente *Key Concepts in World Philosophies*, editado por S. Flavel e C. Robbiano (2023)? Contribuí com um capítulo sobre "Relação Eu-Tu", no qual falei sobre as filosofias do "Eu-Tu", começando com Feuerbach e Martin Buber, e também desenvolvidas por Nishida e Nishitani no Japão. Acredito que os editores deste volume queriam abrir novos caminhos para a filosofia intercultural, fornecendo materiais introdutórios para que os alunos de graduação lessem e refletissem.

Gostaria de acrescentar mais uma observação antes de concluir: é bom jogar com seus pontos fortes. O que



moldou meu método de pesquisa foi o elemento da viagem de campo. Comecei a visitar lugares e pessoas relacionados a Nishida Kitarō quando iniciei meu projeto de biografia intelectual de Nishida que resultou no meu livro *Zen and Philosophy: The Intellectual Biography of Nishida Kitarō*, 2002. Descobri que visitar os lugares onde Nishida viveu ou esteve foi extremamente útil para me aproximar dele.

Em primeiro lugar, pude ver o ambiente físico no qual Nishida realizava seu pensamento e outras atividades, como suas caminhadas diárias.

Em segundo lugar, consegui me conectar com estudiosos locais, que conheceram Nishida pessoalmente ou eram especializados em seu pensamento, e descobri que as conversas com essas pessoas foram extremamente úteis. Também visitei bibliotecas universitárias, onde documentos importantes, muitas vezes não explorados, eram mantidos.

Em terceiro lugar, adoro viajar para novos lugares, onde encontro costumes interessantes ou até mesmo uma pronúncia diferente do nome de uma pessoa. Por exemplo, o primeiro missionário cristão a chegar ao Japão foi o jesuíta Francisco Xavier. Seu sobrenome é pronunciado de forma não sonorizada como "Sabieru" na região de Yamaguchi, onde o cristianismo floresceu, em contraste com a pronúncia sonorizada mais comum, "Zabieru". Percebi, ao conversar com meu motorista de táxi, que esse simples fato refletia o orgulho das pessoas locais, que desejavam manter viva a memória de seus ancestrais de terem realmente interagido com o notável Padre Francisco.

Ashi o hakobu 足を運ぶ, dizem em japonês — “deixe suas pernas fazerem o trabalho”. Nesse processo, desenvolvi uma sensibilidade canina, pois comecei a “farejar” onde poderia encontrar novas fontes de informação. Certa vez, disse ao Professor Ueda Shizuteru: “Sensei, eu me tornei um cachorro!” Ao que ele respondeu: “Excelente!”

É por isso que lamento não poder visitar São Paulo desta vez para apresentar minha palestra pessoalmente. Mas espero ter a chance de visitar sua região em um futuro próximo. Mal posso esperar para provar o pão de queijo novamente!

Michiko Yusa

Professora Emérita, Western Washington University

Amanda Sayonara F. Prazeres (tradutora)

Professora da Universidade Federal da Paraíba
Doutora em Filosofia pela Universitat Pompeu Fabra

<https://orcid.org/0000-0002-6403-6454>

Referências

Abreviação: NKZ (1978-1980). Nishida Kitarō Zenshū 『西田幾多郎全集』

[Collected Works of Nishida Kitarō]. (Tokyo: Iwanami Shoten).

CARTWRIGHT, Mark. Teatro Noh. Trad. Lucas Olinto. World History Encyclopedia, 27 maio 2019. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-18284/teatro-noh/>. Acesso em: 18 de março de 2025.

FLAVEL, S.; ROBBIANO, C. (Orgs.). Key Concepts in World Philosophies. London; New York; Oxford; New Delhi; Sydney: Bloomsbury Academic, 2023.

NISHIDA, Kitarō. Gête no haikai [Goethe's background]. NKZ, v. 12, p. 138-149, 1931.

NISHIDA, Kitarō. Jissen to taishō ninshiki [Praxis and the recognition of the objects]. NKZ, v. 8, p. 395-499, 1937.

NISHIDA, Kitarō. Gengo [Language]. NKZ, v. 13, p. 143-146, 1938.

NISHIDA, Kitarō. The Rhythm of Being, The Gifford Lectures. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2010.

PLOTINO. Enéada V. Tradução para o inglês de Armstrong, A. H. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1984. (Loeb Classical Library 144).

PLATÃO. Teeteto; Sofista. Tradução para o inglês de Fowler, H. N. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1921.

SMART, Ninian. The Religious Experience of Mankind. 2. ed. New York: Charles Scribner's Sons, 1976 [1969].

SMART, Ninian. Beyond Ideology: Religion and the Future of Western Civilization. San Francisco; Cambridge; Hagerstown; Philadelphia; New York; London; Mexico City; São Paulo; Sydney: Harper & Row, 1981.

WUDENG HUIYUAN 『五燈会元』. The Five Records of Chan Schools Compiled into One During the Song Period. 1252. Disponível em: https://tripitaka.cbeta.org/X80n1565_019. Acesso em: 16 ago. 2024.

YUSA, Michiko. Basic Kanji. Com Matsuo, Soga. Tokyo: Taishūkan, 1989.

YUSA, Michiko. Japanese Religious Traditions. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2002. Tradução para o português (2002); tradução para o espanhol (2005).

YUSA, Michiko. Zen and Philosophy: An Intellectual Biography of Nishida Kitarō. Honolulu: University of Hawaii Press, 2002.

- YUSA, Michiko. Intercultural Philosophical Wayfaring: An Autobiographical Account in Conversation with a Friend. *The Journal of World Philosophies*, v. 3, n. 1, p. 123-134, 2018.
- YUSA, Michiko. I-Thou Relation. In: Flavel, S.; Robbiano, C. (Orgs.). *Key Concepts in World Philosophies*. London; New York; Oxford; New Delhi; Sydney: Bloomsbury Academic, 2023. p. 237-246.
- YUSA, Michiko. Human Rights as One Third of the Rights. *Modernos & Contemporâneos, Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas*, v. 7, n. 17, p. 3-20, jul./dez. 2023.
- YUSA, Michiko. Mori Arimasa: A Philosopher in the Making. In: Mori, Arimasa. *By the Waters of Babylon*. Trad. J. Thomas Rimer. Ithaca; London: Cornell University Press, 2025. p. 144-183.